

"Amal-vos uns  
aos outros."

# A BATALLA

"Vale mais dar  
que receber."

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA  
ANO IV—Número 1.252

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada do Cambre, 38-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhubs—Lisboa; Telefone 5339-0  
Officinas de Impressão—Rua da Alameda, 114 e 115

Segunda-feira, 25 de Dezembro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

## HISTORIA DO MENINO QUE NASCEU HOJE...

Após a morte de seu esposo, Maria que— a despeito da radiosa paisagem dourada pelo sol e fresca de verduras que rodeava a humilde cidade de Nazaré — se conservava saudosa da discreta Cana, terra de sua naturalidade, arremou os trastes, e seguida por seus filhos meteu pernas a caminho.

Durante anos decorreu calma a vida no seu lar em Cana. Esquecida a morte de José, seu esposo dedicado e trabalhador, tratou Maria de encaminhar seus filhos. Deu a cada um o seu ofício; apenas a débil compleição de Jesus, que familiarmente tratava por Jesus, desenhou em sua mente naturais hesitações. Era o mais velho, e mandava a antiga usança que ao primogénito se transmitisse a profissão do pai. José era carpinteiro hábil, carpinteiro Jesus teria de ser também.

No decorrer dos anos o carácter de Jesus, a despeito do ar pensativo que velava seus olhos doces e da reserva de seus lábios finos, uma bondade discreta, uma suavidade de trato inigualável revelou o seu temperamento do justo. Por vezes, era sua bondade tão exagerada, que seus irmãos irritados, o classificavam de piégas. Sua discordância de certas tradições absurdas, quer viessem de velhos usos, quer de preceitos religiosos, provocavam sérias disputas na família, que Maria reprimia a custo.

Chegou a irritação de ânimos a pontos tais que para Jesus quasi se tornara impossível a permanência no lar. Quantas vezes, Maria, atribuindo ao pobre rapaz as culpas da desordem, contra ele bradava as mais ásperas imprecações.

Jesus começou então a sentir-se melhor fora de casa. Os estranhos escutavam com mais atenção e carinhoso encanto as fantasias dos seus vinte anos. Encontravam poesia e atracção naquilo que, ingenuamente acreditava que viesse um dia. Chamava-lhe o «reino dos céus», um reino que abraçaria—num luminoso abraço—o mundo inteiro, onde não haveria senhores nem escravos—um reino onde se falava uma só língua, se obedecia a uma só lei que a todos traria a ventura suprema.

Esse reino afinal era o reino do seu espírito.

### A ânsia de proselitismo

Cada vez mais afastado dos seus, que tinham em classificar de utópicos seus cándidos pensamentos, teve o cuidado, para não mostrá-los, de torjá-los mais pesada sua natural reserva, mais obstinadamente silenciosos seus lábios broves. Era quasi um estranho que aturavam por favor.

O forçado silêncio a que o votara esse meio hostil tornara-o mais sonhador. Sua alma aprendeu a conhecer-se; no seu peito tomara corpo e vida um mundo melhor, o «reino dos céus»—o seu sonho belo—que revestia-se hora a hora de encantos novos, iluminava-se duma luz mais doce que lhe dourava os contornos harmoniosos.

Pouco a pouco uma vontade quasi invencível de comunicar ao mundo, o seu pensar, levou-o a abandonar o lar materno e a pequena cidade onde vivia, cujos habitantes simplórios o escutavam sem paixão, por mera curiosidade.

Procurou Nazaré onde nascera. Ali viveu algum tempo o bom operário, trabalhando humildemente nas suas madeiras, que moldava com vulgar habitude.

Em Nazaré a Natureza é mais pródiga de formosuras. São harmoniosas as curvas das montanhas que a circundam; floridos os vales o fecunda a terra. Vagabundeando pelos campos circumvizinhos, cuja sedução bucólica se insinuava em seu ânimo dócil, o nazareno visionou mais perfeito o paraíso que tanto o preocupava, e que a natural confusão de suas ideias belas, mas vagas, lindas, mas nubulosas, não anunciava com precisão se chegaria um dia como natural evolução do espírito humano, ou se constituiria recinto sagrado, reservado ao homem depois da morte lá no alto, no céu azul sem mancha que protigia a Galileia.

O que lhe sabia ao certo é que viria um dia um mundo melhor, sereno, todo paz e ventura—e que os bons, os infelizes, os pobres, os párias a ele tinham direito. Esse mundo superior só se poderia alcançar pelas estradas brancas do amor, do desinteresse e da fé.

Por isso lhe dizia aos nazarenos que o escutavam meio incrédulos, meio seduzidos:

—«Amal os vossos inimigos; fazem bem aos que vos odeiam; orai pelos que vos perseguem».

E segundo o conceito da velha sabedoria que mais o impressionara, repetia essa frase mágica que vinha já da noite dos tempos:

—«Não faças a outrem o que não quererias que te fizessem».

Na ânsia de fugir a vaidade e a ambição humanas, principais obstáculos que se antepunham à formação desse mundo belo, desse «reino dos céus» que se obstinava em proclamar na terra, recomendava aos seus discursos breves, feitos de pensamentos curtos, mas de sentido amplo:

—«Vale mais dar que receber... Não julgueis e não sereis julgados. Por doai e sereis perdoados... O que se humilha será elevado, o que se eleva será humilhado».

A persistência é a melhor arma dos revolucionários e a força de gritar, foi ouvido. Olharam-no com a simpatia que os humildes têm pelos bons, por aqueles que traduzem em parábolas de ouro os vagos sentimentos de bondade, a secreta sede de justiça que consomem os deserdados.

### Quarenta dias no deserto

Era frequente encontrar-se então pela Judéia, homens superiores e arrojos de cast, criticando as instituições decadentes, as burlas dos sacerdotes e as ignomínias dos poderosos, anunciavam a «boa nova», o Messias salvador que enviado por Deus à terra transviada, redimi-la-ia. Jesus foi tomado por um desses apóstolos andares.

Entre estes distinguia-se um que mais alto hasteava o pendão da revolta e melhor falava ao coração das turbas. Chamava-se João e a sua fama estendera-se até à Galileia, onde dele se falava como de maravilha rara. Muitos camponeses e almas simples, suportavam longas caminhadas e procuravam nas margens tristes e inspidas do Jordão, esse apóstolo prestigioso cujas palavras sublimes andavam de boca em boca, cujos actos misteriosos se contavam com espanto.

Não escapou Jesus ao entusiasmo de toda a gente. Esperançado em encontrar, enfim, uma alma ampla a quem comunicar a amplitude de sua alma, fez também, como os outros, a caminhada longa em busca do apóstolo.

Vivia João, um jovem como Jesus, uma vida primitiva, deambulando pelo deserto, coberto de peles, comendo raisas e gafanhotos, interrogando o horizonte e a vastidão das areias douradas. Investia do quando em quando pelos povoados e chamava as turbas à razão, mostrava-lhes a podridão do mundo, podia-lhes que preparassem corpo e espírito para receberem purificadas a «boa nova» que anunciava.

Prégo de terra em terra, captando profundas simpatias por onde ecoava sua palavra doce, chegou finalmente Cristo a avistar-se com João, que o baptizou nas águas mansas do Jordão, para purificá-lo. Estreitou-se íntima amizade entre os dois apóstolos e de sua troca de impressões resultou para Jesus uma boa soma de conhecimentos que a experiência de João lhe fornecera. Ouviu o nazareno os bons ensinamentos de João Baptista, com a atenção e o cuidado do estudante humilde, ávido de aprender. E foi tal a influência do mestre no ânimo do discípulo, ansioso de proações e sacrificios que lhe beneficiassem a alma, que se internou sozinho no deserto, dormindo nas areias ardentes, prescrevendo as estrelas scintilantes, forçado a jejuns que a aridez do solo lhe ditara, durante quarenta dias bem contados.

Causou tal prolongada ausência do nazareno, perdida em terras longínquas e misteriosas, estranha sensação aos que já haviam escutado sua palavra

mágica. Quando, ao cabo da quarentena, Jesus surgiu novamente de terra em terra, a caminho da Galileia, já os povos o escutavam com mais fervor e entusiasmo, e sua tez tostada pelos sóes do deserto, sua barba longa, em fio, seus olhos melancólicos, sonhadores, despertavam paixão levemente sensual e mística nas mulheres que o beijavam.

Só em Nazaré o receberam com frieza e duvidaram de sua sinceridade. Ele teve então uma frase triste:

—«Ninguém é profeta na sua terra».

### Os vendilhões do templo

A paixão cada vez maior por suas ideias e uma natural preguiça, resultante de seu temperamento de sonhador, criaram-lhe certo asco ao trabalho. Abandonou a ferramenta. Amava mais as peregrinações, o ar festivo com que o recebiam nas aldeias, o conchego dos lares onde o recebiam com atenções e carinhos e a gamela fumegante para retemperar forças. Muito no seu íntimo saboreava as jornadas gloriosas que o seu verbo arrebatador provocava num entusiasmo sempre crescente.

Seu poiso mais certo era na cidade de Carnafaim, em casa do pescador Simão que o adorava como um deus. Entre os pescadores e os filhos de Simão encontra ele os seus melhores discípulos.

Se a começo de sua carreira revolucionária, viajava só e a pé, agora que bem o conheciam e que João Baptista, o único que se lhe comparava em oratória e perseverança, pagava na prisão seus infortúnios de revolta, todas as simpatias se voltavam para ele; já lhe davam mala dócil para as viagens, o farta companhia de fascinados e mulheres apaixonadas seguia sua esteira.

Parcia-lhe já a Galileia, onde predominava, mundo muito pequeno para suas divinas ambições. Jerusalém, capital da Judeia, onde se concentravam todas as forças reacçãoárias da época, começou a seduzi-lo. Alimentou o louco sonho de dar combate ao inimigo em sua própria fortaleza. E pela Páscoa entrou cidade dentro onde julgava encontrar triunfos e só indiferença o acolheu. A cidade não o compreendia. Suas palavras singelas, sua ignorância dos problemas intelectuais que a gregos e romanos precipava, sua linguagem pitoresca—méscla de hebreu e siríaco—despertavam apenas irónicos sorrisos que feriam Jesus em pleno peito.

Entretanto já o apontavam os fariseus e os padres, que na cidade santa roiam regaladamente os frutos da religião oficial, como revolucionário perigoso que pregava contra a lei e contra a ordem.

Um dia, irritado com tanta velhacaria, ao sair do templo, encarou com os vendilhões que enganando a boa fé do povo vendiam a retalho coisas sagradas. Foi tam grande a sua indignação que, empunhando um azorrague, os espancou e desalojou para bem longe.

### A' mercê do povo

Quando terminadas as festas da Páscoa, Jesus abandonou, com a sua grossa comitiva, na qual era notória a presença duma corteza chamada Maria, célebre na cidade de Magda, Hagan, influente no pontificado, fez reunir seu conselho que lhe ditou a pena última.

Esperavam ansiosos que ele voltasse para executá-la.

«Bemaventurados os miseráveis, os párias; porque é deles o reino dos céus!»

«Bemaventurados os que choram; porque serão consolados!»

«Bemaventurados os bons e os que nada tem; porque possuirão a terra!»

«Bemaventurados os famintos e os sedentos; porque serão saciados!»

«Os misericordiosos, obterão misericórdia!»

«Bemaventurados os perseguidos, por defenderem a justiça; porque é deles o reino dos céus.»

Estas palavras mágicas, proferidas por Jesus, faziam estremecer a Judeia lá a ló. Não havia infeliz, oprimido ou píria que não as sentisse ecoar no seu

O povo agita-se, a «boa nova» comunica-se com rapidez assombrosa, os peitos abrem-se melhor para ver chegar o Messias há tanto tempo anunciado, olhansciosamente aguardado.

Tam as peregrinações do antigo carpinteiro transformaram-se em jornadas triunfais. Viam de longe as mães trazer-lhe os filhos a beijar. Atribuíam-lhe milagres. Ele curava os leprosos, mergulhava em alegria luminosa os corações mais tristes, ressuscitava os mortos. Por onde rogasse seu manto ou suas mãos tocassem ficava luz benfazeja e purificadora.

### «O meu sangue é espírito»

Saudavam-no à sua passagem como se saíra um rei. «Tu és Cristo, filho de Deus!» gritavam-lhe. «Tu és o Messias que vem redimir o mundo de suas culpas seculares!» Quizeram certo dia proclamá-lo rei da Judéia e ele fugiu, enleado, para a montanha. Ao seu espírito modesto repugnava a grandeza de que o rodeavam. Pediam-lhe milagres e ele desculpava-se; mas não ousava negar esse poder extraordinário, não fosse com um gesto imprudente estrair o entusiasmo louco que despertava sua doutrina.

Ao cabo de sua luta persistente pela conquista do povo, o povo conquistado acabara por conquistá-lo.

Não podia recuar. Principiou por arrastar e acabavam por arrastá-lo. Interrogavam-no acerca da próxima libertação e ele, vítima de suas próprias palavras que para breve tanta vez a anunciaram, prometia:

—«A geração presente não se extinguirá sem que tudo se haja consumado. Muitos dos que estão aqui presentes não morrerão sem terem visto a realeza do Filho do Homem».

A multidão é impaciente, pedia-lhe datas precisas. Queria saber ao certo quando viria essa calamidade, essa catástrofe que sob tempestade de fogo tudo arrazaria para libertar os pobres, os bons, os desventurados.

E Jesus respondia:

—«Quando fítais o colorido rosa do ocaso, concluais que haverá bom tempo, quando védes despontar vermelha a aurora, esperais a tempestade. ¿Como é que vós, que assim julgais o aspecto do céu, não sabeis reconhecer os sinais do tempo?»

Inteligente, não quebrava esperanças, não ostentava sonhos, dava alentos, vagos alentos que atocavam o fogo impetuoso da impaciência.

Depois de ter sugestionado era o povo que o sugestionava. A sede de justiça requeria um caudilho de ilimitado poder. Jesus sentiu-se erguido a divinas alturas. Tanto lhe chamaram Deus, filho de Deus, que por Deus se tomou.

Acreditou ser o centro irradiador de misteriosa força, sopro divino a que nada resistiria, alimento misterioso da alma humana. «O meu sangue é espírito!» proclamava dele no auge da exaltação.

Ele considerava-se tudo. Era a vida, a alegria e a beleza.

—«Tu és o pão da vida; o que vier para mim nunca terá fome; o que cre em mim jamais sentirá sede!»... E' o espírito quem vivifica. A carne de nada serve. As palavras que vos digo são espírito e vida. O que do mim se alimentar em mim viverá a vida eterna!»

Um minuto de descrença popular seria a sua perdição. A persistência do povo em acreditá-lo levá-lo-ia à morte.

### A caminho de Jerusalem

Aproximava-se a Páscoa. O inverno na Judeia rigoroso e frio. Navons ameaçadoras acumulavam-se no horizonte, para os lados de Jerusalem. O caminho era áspero e difícil de trilhar, e a comitiva marchava a custo e silenciosa. Jesus, montado em sua mula triste, deixava descair sobre o peito a sua barba longa.

Era Jerusalem a cidade renitente e dissoluta onde as parábolas de Cristo não fecundavam. Só ela faltava conquistar para o «reino dos céus». Sabia Jesus que o terreno não era propício à sagrada sementeira. Mas o povo impune; era o povo que governava no seu espírito. Não suportavam os crentes que Jerusalem se mantivesse fora do delírio geral.

Jesus obedeceu. Pressentia que essa viagem lhe seria fatal, que os sacerdotes lhe moveriam guerra de morte, em defesa dos interesses ilícitos que o seu poder abrigava.

Meteu-se a caminho. Era o seu dever. A sua obra embriagava-o. A morte valia mais que uma hesitação, que uma cobardia. Se recusasse, quebrar-se-ia ao encanto que o prendia ao povo. Seria a vergonha das vergonhas, o opróbrio, o desabar de esperanças dum povo inteiro. Ele não se pertencia—o povo mandava. Queria a sua morte? Morteria!

Alguns dos poucos adeptos de Jerusalem, aguardavam-no às portas da cidade. Chamavam-lhe o rei dos judeus, e como rei o acolheram—com saudações entusiásticas, atapetando-lhe o caminho com seus mantos pobres.

A polícia estava vigilante, mas não ousou prendê-lo em pleno triunfo, não fosse o povo amotinar-se.

Conseguiu nos primeiros dias o nazareno andar livremente entre a multidão que, pelas festas da Páscoa, dava a Jerusalem um aspecto de formigueiro irroquiado. Falava-se, gritava-se, disputava-se, num ruído ensurdecedor. Não há povo mais violento e desabrido na disputa que o judaico. Jesus passava sua tristeza entre a indiferença do balcão.

### Pontius misericordioso

Advinhava o seu fim. E a força de meditá-lo convencer-se de que a sua morte, em plena juventude, aos trinta e três anos, era absolutamente necessária ao povo. A polícia procurava-o avidamente; algum o entregaria aos algos sedentos de sangue—quem sabe lá se não seriam os seus próprios amigos... Mas que importava a traição, se ela seria útil; se ela apressaria o fim de tudo—porque ele era tudo? Este pressentimento não pode ocultar. A' noite quando coava, com seus doze discípulos, confessou a sua suspeita:

—«Um de vós me trairá»—disse.

Entrelharam-se todos assombrados. Mas quando ele, pleno dum pessimismo dóce, deu a entender que essa traição seria bem dita, Judas, o discípulo mais apaixonado, tomou sobre si o compromisso secreto de provocar a morte do mestre, convicto de que ela redimiria a humanidade. Com as lágrimas bailando-lhe nos olhos e o coração pleno de alegria, denunciou-o, trai-o. Conduziu a polícia ao acampamento onde Cristo iria repousar. Bujando o mestre na frente, indicou aos sicários quem era o mestre.

E prenderam Jesus; e levaram-no a casa de Hanan, o maior influente junto do pontífice que cegamente lhe obedecia. Enviado à presença do pontífice Kaifás, reunido o sínédrio, foi lavrada a sentença contra Jesus Cristo, acusado de blasfêmia.

Afirmavam as testemunhas que ele dissera uma vez: «Destruí o templo de Deus, e o reconstruí-lo hei em três dias».

Lavrada pela igreja judaica, cruel e desumana como todas as igrejas, a fatal sentença, urgia obter de Pontius Pilatos, cônsul romano que ao tempo governava, a sanção dessa iniquidade.

Pontius, espírito esclarecido e justo, tentou esquivar-se a entrar em tão espinhosa questão. Não lhe permitia o código romano intervir em questões religiosas. Então os poderes judaicos afectaram um amor inextinguível pelas instituições e pelo domínio de Roma e acusaram Jesus de aconselhar o povo a não pagar o tributo a Cezar. Tevo ainda Jesus uma frase subtil, que compreendia a poderia salvar: «Dai a Cezar o que é de Cezar e a Deus o que é de Deus». Queria estabelecer assim uma divisão absoluta entre o Estado e a igreja. Não o entenderam. Pontius alimentava por ele aquela simpatia que o homem tem pelos animais pacientes e humildes. Repugnava-lhe contribuir com o seu voto para a morte dum pobre diabo.

Tentou salvá-lo das garras da turba excitada pelo ódio vesgo dos sacerdotes. Aventureu do alto do bima—tribunal ao ar livre—que nesse dia era o seu perdão-se a um condenado. O povo perdoou a Jesus Bar-Abba, um saltador conhecido, e exigiu a crucificação de Cristo.

Esgotados seus esforços, Pontius, outra solução não teve senão transigir. Queriam Jesus? Te-lo-iam. E apresentando-o à turba, disse mal-humorado:

—«Ecce homo!»

E a turba delirou de alegria.

Cristo concentrou-se num mutismo feroz. Arrastaram-no, escarraram-lhe no rosto, troçaram, coroando-o o idólicamente de espinhos—era o rei da Judéia... E Cristo, resignado, silencioso, tudo suportava, fitando, com os seus olhos suaves como beijos apaixonados, a multidão alucinada.

Urgia crucificá-lo. A noite aproximava-se. Grandes nuvens sangrentas ocultavam o sol no poente. Ia no céu uma tragédia gigantesca, ia na terra uma alegria louca. Martirizava-se um justo.

Colocaram-lhe sobre o dorso débil o pesado fardo de sua tosea cruz. Quizeram dar-lhe a beber o vinho perturbante que era hábito dar aos condenados. Recusou-o. Vergado, as veias inchadas pelo esforço, o passo cambaleante, sabiu, como um animal de carga, excitado pelas pancadas dos pretorianos, o morro escarpado do Golgota. E lá no alto, depois de despojar-lhe da sua velha túnica, cravaram-lhe as mãos e os pés a toda a largura do madeiro. De cada lado, crucificados como ele, dois ladrões blasfemavam. Ele sofria com paciência.

### Tardio arrependimento

Para ali ficou abandonado dos discípulos, sem uma palavra doce, sem uma frase consoladora, ele que se matara pela humanidade.

No topo da cruz lia-se: «O rei dos judeus». E os judeus passavam a riam fartas gargalhadas. Dirigiam-lhe remoques e chistes: «¿Então tu que tudo salvavas não te salvas a ti próprio?»

Jesus então sentiu íntimos remorsos por se ter embriagado pela glória. ¿Porque não desizera as primeiras lendas que a seu respeito corriam? ¿Porque deixara o povo na crença de que era Deus filho de Deus? ¿De que valera convencer-se de sua superioridade? ¿Não seria melhor para ele e para a humanidade limitar-se a prática e conselho do bem e da justiça?

«O reino dos céus», que loucra a sua! O céu tem o homem no coração quando bondoso e desinteressado. ¿Para que seduzir o povo com promessas vãs? ¿De que lhe servia dizer-lhe que existia um céu onde todos se reuniram?

A divindade apareceu-lhe então como palavra óca. A divindade não existia, não protegia ninguém. Tomou a sua glória por um dom divino. Ah, quão mais valiosa era afinal a sua vida simples e ignorada na famosa Galileia!

Sentiu que o fim se aproximava. Veio-lhe à lembrança a sua mãe, carinhosa a despeito da sua físpidez. Ergueu o olhar. Uma neblina vaga envolvia a terra. O sol desceira na linha do horizonte. Vultos indecisos na sua frente formavam grupo tristoso. Talvez ali estivesse sua mãe; procurou-a num dardado olhar. Não, não era nenhuma delas, ele reconhecia-lhe a nem que fosse pela sombra... Sua mãe estava longe, amaldiçoando talvez esse filho louco que a abandonara. Do grupo vago, apenas uma mulher reconheceu. Era Maria Madalena, a formosa corteza que secretamente o encantara...

E expirou.

Mário DOMINGUES



# LEONARDO COIMBRA

## O super-homem esmagado pelo anão

Não foi a barba pontaguda e demorada do sr. António Maria da Silva, nem a calva militar do sr. Sá Cardoso, nem a face dura do sr. Ernesto Navarro quem pensou em implantar, por um decreto republicano, o ensino religioso em escolas particulares. Nenhuma destas vulgaridades se arrogaria a pôr o nome em tam reacção e audaciosa tolice.

Para ela ser uma ameaça suspensa sobre os meunhos e meninos de 8 a 10 anos, foi preciso que se apresentasse a subreptícia do sr. Leonardo Coimbra. Só um homem de grande envergadura, como o que citámos, a tal se arrogaria. O sr. Coimbra vai a caminho de homem de génio, com estonteante velocidade, nas asas dum adjetivado ócio como uma bexiga de água e sonora como o ruído da mesma bexiga rebentando...

O sr. Leonardo Coimbra é um orador que faz esquecer Demóstenes, tornar banal Cícero e meter num chinelo pequenino, Mirabeau. Onde está a glória de Demóstenes, Cícero e de Mirabeau quando o sr. Leonardo Coimbra levanta um alético lirismo o mar, o céu e a terra a alturas e a grandezas em que éles nunca estiveram; quando, pondo Cristo em segundo lugar, se coloca no primeiro, indo buscar ao túmulo e ressuscitar toda a galéria dos heróis nacionais que outro remédio não tiveram senão viver momentaneamente. Sim, em que estado fica o brilho desses três luminosos astros da oratória, quando o sr. Coimbra no Pórtico, numa oração dum eloquência inultrapassável, consegue eletrizar os seus ouvintes, metendo o corpo da pátria pela Virgem Maria dentro. E, convém acrescentar: por aquela parte do corpo donde Cristo saiu apesar de haver, à falta,

quem o diga concebido pelo espírito santo. Quando éle discursa — que pena temos de nos servir dum expressão — tam vulgar para designarmos qualquer coisa de divino — a sua fisionomia transfigura-se, parece Santa Teresa — antes ou depois dos seus furiosos — e, por vezes, um deus iluminado dum força intelectual criadora de novos mundos unguídos de alegria, dor e graça. As estrelas lacrimejam com suavíssima ternura, a lua desmaia languorosamente, as mulheres sentem percorrer-lhes o corpo carícias elétricas de efeitos inconfessáveis, os homens recebem ir parar ao maníaco, devido a um deslombamento cerebral.

Deus — o verdadeiro católico, o Deus todo poderoso que criou a terra e o céu, os peixes, as águas e o talento católico do sr. Lino Neto — grita, iracundo e maldoso:

— Este malandro do Leonardo Coimbra é capaz de me reduzir a terra, pó, cinza e nada.

Mas, dentro deste gigante há um anão. E esse anão que empana triplicadamente, toda a sua glória mental, oral e verbal é o homem. É o sr. Leonardo Coimbra proclamando anarquismo a operários, exaltando Francisco Ferrer, aplaudindo o seu método de educação oposta a todos os preconceitos, inclusive o religioso. É o que vai para as ideias republicanas, como quem lança mão dum recurso para subir. É o que põe as suas ideias anarquistas de lado apenas por elas não poderem converter-se em carne assada à hora do jantar, não tem crédito no alfaiate, nem isentam do pagamento da venda da casa. É ainda o que declara não «aceitar coleiça partidária» e tendo-se quasi comprometido a aceitar a coleiça socialista, opta pela democrática que lhe deu o cargo de director da Faculdade de Ciências do Porto.

Que pena que algumas nódoas gordurosas tenham caído sobre a reputação do maior filósofo, do maior orador, do maior homem de génio de todos os tempos, enquanto o mundo for mundo e a raça humana se não extinguir...

Cristiano LIMA

## Uma situação insustentável

É escusado temar-se em manter uma situação da qual mais cedo, ou mais tarde se tem de sair, sob pena de irreversível naufrágio. Não é possível com uma despesa avassaladora, sempre crescendo, sempre aumentando, enquanto a receita em vez de aumentar se mantém na mesma lamentável insuficiência.

O assalto dos aumentos é constante e não há maneira possível de o evitar. Hoje é o papel, amanhã é a impressão, a seguir as tintas, depois novamente o papel. Todo o material indispensável à factura do jornal tem aumentado a olhos vistos.

A receita, é escusado acentuá-lo, não aumentou, nem tem tendência alguma para aumentar. Há quem suponha que um aumento de tiragem seria um recurso capaz de extinguir o deficit, de equilibrar a despesa.

Mas não é. Na aparência, parece dar-se um aumento de receita. De facto assim é, se não tomarmos em linha de conta que maior tiragem implica maior quantidade de papel e, portanto, a despesa aumenta, proporcionalmente à receita.

O auxílio do operariado, apesar de todos os sacrificios feitos, e de todas as dedicações reveladas, é também insuficiente para equilibrar a receita do jornal.

O jornal quando foi aumentado para 10 centavos, nem mesmo a principio dava lucro ou sequer assegurava equilíbrio. Agora, que tudo aumentou, que tudo custa o dobro, e o jornal continua a custar os mesmos 10 centavos, é fácil de calcular o espantoso deficit em que ele se debate.

Estas considerações colocam a questão no seu verdadeiro pé, em toda a sua objectiva realidade, sem subterfúgios, nem sofismas.

Ou a Batalha termina a sua missão, toda consubstanciada na defesa da verdade e da justiça, ou então aumenta a sua receita, da única maneira em que lhe é possível fazê-lo.

Por mais alvitre que se apresentem, não há maneira de nos furtarmos ao dilema: suspensão do jornal ou o alargamento da sua receita.

O nosso dever deve consistir em salvar a Batalha da crise em que ela se debate, evitar que ela pereça, para que se não interrompa a sua função e a voz da consciência operária não emudeça, definitivamente, lamentavelmente...

## AS GREVES

### EM FARO

**Manufactores de calçado**  
FARO, 23. — C. — Apesar dos trancos dos industriais, terminou a greve dos manufactores de calçado, com vitória completa para os operários.

No dia em que terminou a greve, realizou-se uma sessão admirável, sendo aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.ª Que seja retirado do cofre a quantia de 50 escudos para serem entregues ao camarada Manuel Portela, que há tempos se encontra doente;

2.ª Que cada operário contribua com 3000, sendo 2500 para o cofre e 1500 para o nosso órgão a Batalha;

3.ª Que este dinheiro seja cobrado no prazo de 3 semanas.

Foi incumbida de fazer a entrega do dinheiro ao camarada Portela, a comissão de melhoramentos, indo no final da sessão cumprir o seu dever, acompanhando a toda a assembleia.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

**Audácia moagreira** Ontem na Companhia Industrial de Portugal e Colónias foi inaugurado, entre discursos de cumprimentos e apauamentos, o busto do moagreiro João Pedro de Sousa. O homenageado declarou como cínico deslante que linha consagrada a sua vida ao trabalho. Não há dúvida. Mas, ao trabalho de roubar os que trabalham, roubando-lhe o pão e fornecendo imundícies venenosas por farinha. Os ladrões também «trabalham»; empregando a sua actividade a roubar. Mais repugnante do que éles — os ladrões são os anjos comparados com o moagreiro — ainda se vangloria disso e quer ficar com o fochinho imortalizado para que na história sinistra dos crimes se inclua a dum homem que só viveu para roubar, esmoear e envenenar o próximo.

**«Contemporânea»** Assinalamos com agrado o recebimento da «Contemporânea» — número especial do Natal — que pelo seu aspecto gráfico e pela sua colaboração artística merece os mais rasgados elogios.

«Contemporânea» pode, sem lisonja, passar as fronteiras, visto que é uma revista de arte, em qualquer país onde apareça. Por sermos inimigos do fascismo com que em Portugal se fazem revistas, felicitamos por esta vigorosa e inteligente reacção contra o mau gosto que em tantas realizações gráficas predomina.

A «Contemporânea» insere colaboração literária e artística, de Aquilino Ribeiro, Eugénio de Castro, Afonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoais, António Saldanha, Almeida Negreiros, Jorge Barradas, António Soares, Vasquez, que diz Ernesto do Couto, etc., etc. Manuel Ribeiro recorda, saudoso e poético, o tempo em que era pequenino e rezava...

**O fascismo em crise** Dissemos

mo foi uma reacção sangüinária que acabaria em lodo... Não vai para desmentidos à nossa asserção a maneira como se encontram, actualmente, os arraiais fascistas. O descalço entre chefes e subordinados é grande e começa a cavar-se o abismo. Mussolini deixou a água na fogueira prometendo empresas e situações de destaque aos fascistas, mas estes por outro lado vão deixando lenta — a lenta que os há-de queimar.

**Gracinha torpe** O Mundo o jornal cujo republicanismo distingue pavorosamente mostrase em desacordo com o artigo contra o ensino religioso aqui publicado e assinado com o pseudónimo de Ursus. Para fazer gracinha — e não espírito o que é superior e diferente — fala em traduzir Ursus. Não faz bem porque apenas traduzia a figura que tem feito na questão.

Não se pediu a interferência do Estado no «lar doméstico» como insinua, mais até se afirmou a sua nocividade. Se tal escreveu, O Mundo com intuito de pastorear gracinha apenas fez burrice, o que também é diferente.

Lamentamos o estado a que O Mundo chegou, deturpando sem senso nem lucro o que os outros escrevem.

## A BATALHA

não se publica amanhã, estando por esse motivo fechadas as nossas oficinas.

## VIDA SINDICAL

### C. G. T.

#### Conselho Confederal

Reúne na quarta-feira, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.ª — Apreciar o funcionamento interno da Confederação;
- 2.ª — Apreciar um estudo do comité sobre a criação das delegações confederais;

#### CONVOCAÇÕES

**S. U. Metalúrgico.** — Reúne amanhã, pelas 21 horas, em assembleia geral, com a seguinte ordem dos trabalhos: Recompensação dos corpos gerentes e Caixa de Solidariedade; Aumento da cota sindical; Discussão do relatório dos delegados; Assuntos respeitantes à vida interna e situação financeira do sindicato.

**Marinheiros e moços da marinha mercante.** — Reúne amanhã, pelas 11 horas, na sua sede, toda a tripulação de convés, fogos e câmaras do vapor «Amarante».

#### SINDICATOS

#### DA PROVÍNCIA

**Federação dos empregados do comércio (zona norte).** — Sob a presidência de Pedro Gonçalves, secretário por José Fiuza de Magalhães e Bernardino Machado, reuniu na passada quarta-feira o Conselho Geral deste organismo, achando-se representados os sindicatos de Coimbra, Vizeu, Vila Real, Porto, Viana do Castelo, Guimarães, Penafiel, Famalicão, Amarante, Fafe, Felgueiras, Chaves e Ponte de Lima, que entre outros assuntos apreciou e deliberou irradiar do seu federativo o sindicato de Braga pela sua acção dissolvente para com a restante organização do calçado português, tendo infringido à outrance as disposições do Estatuto.

Resolveu ainda que o 8.º congresso corporativo da classe que tinha de realizar-se em Braga seja transferido para o Porto, facilitando mais as representações dos sindicatos de além Mondego se nisso acordar o seu Congresso da Zona Sul.

Apreciou, aprovando o relatório do delegado Federal ao 3.º Congresso Operário Nacional.

Depois de nomear uma comissão de dois membros para ultimar os trabalhos para a realização da Conferência Inter-Sindical, protestou contra o aparecimento dum jornal que falsamente se intitulava órgão desta Federação.

Arbitros padrões — Abílio Raúl Fração, Ernesto de Almeida, João Eduardo Guerreiro e Teodoro Pombo, efectivos; David da Silva, José da Fonseca, Vidigal e Alfredo Moura, suplentes.

Arbitros padrões — Abílio Raúl Fração, Ernesto de Almeida, João Eduardo Guerreiro e Teodoro Pombo, efectivos; David da Silva, José da Fonseca, Vidigal e Alfredo Moura, suplentes.

## COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — 2 sensacionais espectáculos 2 — HOJE

A's 14,30 (2 1/2) Grandiosa matinee do Natal  
As maiores novidades e atrações  
A's 21 (9 da noite) Atraentíssimo programa  
As grandes celebridades artísticas  
A'manhã — Grande espectáculo da moda — A'manhã  
BILHETES À VENDA

## José Manuel

### Efectuou-se ontem o seu funeral, com desusada concorrência

Realizou-se ontem da Morgue para o cemitério do Alto de S. João o funeral do operário José Manuel, que foi morto pela polícia na rua Luciano Cordeiro.

O funeral de José Manuel foi uma imponente manifestação de saudades. De mil pessoas acompanharam o corpo do desditoso operário à sepultura. Por vezes, durante largos minutos fazia-se um silêncio, silêncio que o recolhimento daquelas almas simples de trabalhadores formavam.

O cortejo foi iniciado por uma carreta forrada de negro, conduzindo ramos de flores e algumas corbas, uma delas oferecida pelos inquilinos das barracas da rua Tomás Ribeiro. O féretro que transportava numa carreta da «Voz do Operário», ia coberto com a bandeira da Secção Profissional dos Pedreiros.

Seguiam-se depois várias direcções de sindicatos com os seus respectivos estandartes.

Saindo da Morgue, o préstito desceu por S. Lázaro e pela Mouraria até ao Rossio, seguindo depois Avenida acima.

De perto, olhou-se o local da luttosa tragédia, onde José Manuel desafiou o ativamente o esgarço que fazem à mi-

## FESTAS ASSOCIATIVAS

### Sindicato do Pessoal da Imprensa Nacional

Realizou-se ontem, como anunciámos, a festa comemorativa do sindicato do pessoal da Imprensa Nacional. A sala achava-se ornamentada com bandeiras de vários sindicatos e jornais corporativos, apresentando assim um aspecto interessante.

Dado início à sessão pelo secretário geral do sindicato, foi dada a presidência ao camarada José Martins Grilo como representante da Federação Nacional da Indústria do Mobiliário, Secretariado pelo delegado da Associação dos Chautfeurs em Portugal e Carlos Freire, do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional. José Martins Grilo saudou todos os componentes do sindicato, fazendo votos por que todos saibam intensificar cada vez mais a acção do organismo a que pertencem.

Manuel Nunes, do Sindicato Unico Mobiliário, alargou-se também em considerações tendentes a demonstrarem quanto necessária se torna a máxima atenção pelo sindicato, muito especialmente na hora que passa em que a burguesia se prepara, mais que nunca, para atacar-nos. Carlos Freire, declarando-se portador das saudades do pessoal do Arsenal da Marinha, regozija-se pela passagem do 9.º aniversário do sindicato em festa, desejando que ele possa adquirir uma vitalidade que corresponda ao momento que passa, fortalecendo-se assim tanto quanto possível para poder influir na transformação social que todos os homens livres almejam.

Cândido Leal referiu-se à obra de Teodoro Ribeiro, já falecido, como iniciador do sindicato. Augusto de Sousa peritinha, em parte, as considerações daquele orador, propondo que a assembleia se conserve em silêncio durante um minuto em sinal de sentimento pela morte de todos os concóscios, sendo aprovado.

Manuel Afonso fez considerações várias sobre a acção do pessoal nas instituições que tem creado, lamentando que melhor não tenha sabido interessar-se por elas. Faz em seguida a apresentação do conferente.

A sua interessante palestra começa por referências aos humildes, aos pobres, aos explorados acentuando a crise de solidariedade que entre eles existe. Se a solidariedade não está desenvolvida, como devia, entre o proletariado manual, a crise é ainda maior no proletariado intelectual. Mostra as tragédias que existem na vida íntima dos trabalhadores intelectuais, demonstrando, por meio de bem deduzidos raciocínios, que a culpa das suas horas amargas a éles, unicamente, cabe.

Afirma, ser a crise de solidariedade a consequência lógica da guerra mundial que todos os avismos ressuscitam e tantos egoísmos desencadeou.

Compara a sociedade actual a um enorme navio prestes a naufragar. Todos procuram, para se salvar, o lugar na balança, que conquistam por todas as formas, mesmo à custa da vida dos outros passageiros.

No entanto, há uma pequena minoria que arrisca a vida, quasi deixa ficar a oportunidade do salvamento, para salvaguardar a vida do seu semelhante.

Apesar de tudo, o sentimento de solidariedade tende a alargar-se e será ele quem salvará a humanidade. É necessário combater o autoritarismo e estabelecer entre os explorados uma união forte e inabalável. Alude à reacção conservadora cujos maneios audaciosos dissecou e combate acentuando dum maneira irrefutável o carácter reaccionário do projectado restabelecimento do ensino religioso.

A's 21 horas, realizou-se um sarau com o seguinte programa:

Concerto musical pela trupe guitarrista Amadeu Martins, o episódio dramático «O operário ladrão», versos por Raúl Leal, um monólogo por José Dias, etc.

## TEATRO FOZ

Telef. N. 4354

COMPANHIA

Beatriz de Almeida — Jaime Zenóglou

da qual fez parte

Nascimento Fernandes

HOJE

repete-se a espiritosa comédia

farsa

## O arroz doce

### Interesses de classe

#### A Indústria Metalúrgica

A classe metalúrgica é, por assim dizer, a classe menos remunerada que conhece, e uma das em piores circunstâncias se encontra, quer sob o ponto de vista higiénico, quer do ponto de vista financeiro, principalmente dos desastres ocasionados por queimaduras, que são frequentíssimas e quasi impossíveis de evitar.

O trabalho do vazamento do ferro é um dos mais violentos que tem a indústria, quer para oficiais, quer para ajudantes, podendo-se também citar como tais a manufactura de tubos feios ao alto, em cõquilhas, processo inglês, trabalho violento e mal pago, realizado por ajudantes, e que lembra o trabalho das minas, pois que tem um subterrâneo debaixo das covas.

Temos também o trabalho feito à máquina de moldar, que tem sido uma das maiores ruínas de classe, especialmente na Empresa Industrial Portuguesa, abusando-se em demasia dos ajudantes e da sua força muscular. Não queremos com isto condenar o processo da máquina, pelo contrário, pois este é um instrumento de progresso; mas actualmente, nas mãos dos capitalistas é prejudicial para nós, operários.

Como se podem conceber os trabalhos de empreitada nessa indústria? Em nenhuma o operário se devia acetar, mas então na especialidade de fundição, é mesmo inadmissível tal processo de trabalho. Sejam vejamos. O trabalho de fundição é, por assim dizer, um trabalho químico. Pode um operário ser um bom artista fundidor, mas não está livre de prejudicar-se ao fundir qualquer peça, e vezes há em que essa peça tem um mês e mais de obra. Ora digam-me se nestas condições se pode acetar nesta indústria tal processo de trabalho!

Outras vezes há em que uma ou mais peças no levantamento estão boas, mas ao irem ao torno ou à plana aparecem com poros e chichos. Dá-se isso vulgarmente em cilindros, pistons, metálicos e mais peças que tem que ficar em branco.

Eis a razão de eu dizer que nos trabalhos mecânicos, e mesmo em todos, é inteiramente impossível a manutenção de trabalho de empreitada. O fundidor propriamente dito não é só o que molda, mas sim aquele que faz também os machos, e peças há em que os machos, são a maior responsabilidade que tem o fundidor ao executar a peça.

Indo à moral da indústria: Não são engenheiros ou eruditos em metalurgia, mas «penas um operário, o que não quer dizer que não possa apreciar o estado de decadência em que se encontra a metalurgia nacional. A principal indústria de onde depende toda a metalurgia, deriva única e simplesmente da fundição. Ora Portugal, devido ao pouco desenvolvimento nas artes de ferro, encontra-se presente numa situação deprimida em relação aos demais países, devendo dizer-se que não é por falta de minas, quer de ferro, quer mesmo de hulha.

Países há, entre eles a Suíça, que não possuindo regiões essencialmente mineiras, podem no entanto manter uma indústria metalúrgica que, em relação à sua esfera territorial, se pode dizer importante, quer no que respeita ao abastecimento dos seus mercados, quer mesmo competindo com as suas similares estrangeiras.

O que urge é a montagem da indústria siderúrgica em Portugal, para que se possa ter ferro e aço para se dar então o desenvolvimento que é preciso dar à metalurgia nacional.

Uma velha aspiração da Federação Metalúrgica, é a montagem dos altos fornos em Portugal. Já os seus velhos militantes o diziam na travessa do Oleiro, na antiga Confederação Metalúrgica, que bastantes serviços prestou à classe, e eu sei bem, que ainda lá trabalhei bastante com militantes que hoje estão retirados do meio operário — outros que já não existem.

Dito isto à classe, é preciso que se trabalhe, quer moralmente quer pelo lado das nossas regalias profissionais, pois temos bastante que fazer em relação a essas classes operárias, porquanto a metalurgia é a mãe de todas as indústrias, e mesmo dos trabalhos rurais. E ela que fabrica a enxada e a charrua e as demais alfaias agrícolas, que sem elas os nossos camarádos do campo não poderiam produzir para a colectividade.

Comparando os salários e as regalias de algumas classes com a nossa, torna-se irrisório e mesmo vexatório para nós os termos o nome de metalúrgicos. Nós que em 1872 demos o exemplo da greve geral metalúrgica para a abolição

da greve geral metalúrgica para a abolição

da greve geral metalúrgica para a abolição

da greve geral metalúrgica para a abolição

da greve geral metalúrgica para a abolição

da greve geral metalúrgica para a abolição

da greve geral metalúrgica para a abolição

da greve geral metalúrgica para a abolição

da greve geral metalúrgica para a abolição

## Por esse mundo

### NA IRLANDA

**Dois comboios pasto de chamas**  
LONDRES, 24. — Deram-se conflitos sangrentos entre os rebeldes e os soldados do Estado livre. Os rebeldes reverteram o expresso inglês perto do Ulster e lançaram-lhe fogo. A seguir lançaram o comboio assim em chamas numa outra linha indo chocar com um comboio de munições do governo, ficando os dois comboios num montão de ruínas. O número de feridos é grande e as perdas enormes. — Rádio.

### EM ESPANHA

#### Os sindicalistas e a acção eleitoral

VIGO, 24. — Partiu para Barcelona e conhecido sindicalista Noy del Sureda. Negou que os sindicalistas intervissem nas próximas eleições, como se afirmara. Acerca do boato de que éle e Angel Pelayo tinham representação parlamentar nas próximas eleições, mostrou-se muito reservado. — Rádio.

### NA AMERICA

#### Roubando o Estado

NEW-YORK, 24. — Foi descoberta no arsenal de Brooklyn uma conspiração para roubar o Estado. Foram presos 22 rivis de todas as classes, empregados, caixeiros, polícias, chauffeurs, etc. São acusados de terem estado por vários anos vendendo fornecimentos do arsenal para fora, guardando o produto da venda. A soma dos roubos calcula-se agora em mais de 200.000 libras. Afirma-se que se vão efectuar mais 90 prisões. — Rádio.

### EM ITALIA

#### Os «camisas negras» de Mussolini ao serviço de Dens e da Nação

ROMA, 24. — De ora ávante a Itália terá dois exércitos. O exército regular e a milícia da salvação nacional. Esta será composta de 70.000 «camisas negras», recrutado dentre os fascistas de maior bravura e abedição. O seu lema será o «serviço de Deus e da Nação» e ficará sob o comando directo de Mussolini. Os oficiais serão nomeados por decreto real. O uniforme será a camisa negra. Serão todos voluntários e não serão pagos. Seu dever será cooperar com a polícia, mas durante a guerra incorporarem-se ao exército regular. Logo que o necessário decreto tenha sido aprovado em conselho de ministros e assinado pelo rei, todas as organizações militaristas, como nacionalistas, republicanos e legionários de d'Annunzio serão declaradas ilegais e dissolvidas. — Rádio.

### NA GRECIA

#### Os ex-ministros em liberdade

LONDRES, 24. — Comunicam o Ateas que o comité revolucionário decidiu conceder a liberdade aos ex-ministros acusados e outros que estavam aguardando o julgamento. Entre estes contam-se os srs. Calogeropoulos, Rallis, Stais e Terpis, ex-ministros. Abandonou-se toda a ideia do julgamento. O mesmo não sucede com o sr. Constantinoupoli, ex-governador militar do Atenas com os seus partidários, que serão julgados pelo tribunal militar por resistir à revolução no primeiro dia da sua proclamação. — Rádio.

### Universidades, Academias e Escolas

Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da Giestra — Convidam-se todos os sócios desta colectividade a reunir em assembleia geral, na próxima quarta-feira, 27 do corrente, pelas 20 horas precisas, para tratar da seguinte ordem dos trabalhos:

- 1.ª Leitura da acta;
- 2.ª Nomeação dos corpos gerentes para o ano de 1923;
- 3.ª Diversos assuntos de interesse colectivo.

### A peste em Angola

O alto comissário de Angola informa que a peste tem diminuído consideravelmente, não se tendo registado casos novos nestas últimas semanas.

## FAZENDAS de pura lã

para fatos, sobretudo e casacos de senhora directamente da fábrica.

### Depósito da Covilhã

Rossio, 93, 2.ª

esquina da rua do Amparo, antigo hotel Continental

Nota — Cheviotes, um corte para fato por 30 escudos.

CASACOS DESDE 12 ESCUDOS O METRO

dos serões que então existiam, greve que naquela ocasião deu lugar à fundação da Cooperativa Indústria Social, a maioria composta por metalúrgicos, e que hoje tem fins diversos daqueles para que foi fundada.

Apela mais uma vez para os metalúrgicos para que se associem e que reivindiquem as regalias a que tem jus.

Apesar de ter sido vítima por defender os interesses morais e materiais da classe, ainda não desanimou.

Bom é também que a classe não esqueça os camarádos que por ela se tem sacrificado, quer moral quer materialmente. — Gabriel Neves Junior, operário-fundidor, sindicado n.º 510.

Lisboa, 22-12-92

## A ANTIGA FIRMA

MANUEL JERONIMO DE MATOS, Suc. res

proprietária da grande Fábrica de Lanifícios

da Covilhã deseja

BOAS FESTAS

a todos os seus amigos e clientes



## O NATAL

A sua consagração no passado e no presente representa uma hipocrisia

No tempo da omissão o dia 25 de dezembro era consagrado ao aniversário natalício de Cristo, tendo-se celebrado universalmente pelo seu verbo eloquente de amor e bondade, proclamado a favor dos oprimidos e contra os opressores, serviu o dogma religioso, com o seu nome feito mercadoria e espada nas mãos dos fariseus da religião e de todos os clínicos e amadores, para acumularem nos seus lares pobres metalizadas e defendidas pela justa revolução popular, provocada pelas suas infâmias. Por que as vendições do templo, em vez de serem as doutrinas de Cristo, aproveitaram tanta sensacionalidade, para ludibriar a multidão e atrair a atenção para o espetáculo com ele, através de todos os tempos, a ignorância do povo que não sabe sentir nem compreender que o próprio Cristo combatia as injustiças e iniquidades sociais já então praticadas.

A lenda do Natal! A fragilidade científica afirma que Cristo viveu a Terceira Idade, há 2000 anos, mandando por Deus, para redimir e salvar a humanidade—a qual ainda hoje não está redimida nem... salvem-se, por isso mesmo, todos devem ser religiosos e prestar-lhe permanente homenagem, para poderem alcançar as suas pretensões e um bom lugar no reino dos céus, depois da morte, não com obras, segundo lhe o exemplo, mas com palavras, isto é, com preces e orações místicas e fanáticas que nem são boas nem más, mas simplesmente inúteis.

Depois do advento da República o dia 25 de dezembro passou a ser consagrado à festa da família. Porém, nem uma consagração nem outra estão dentro da lógica, da verdadeira realidade. A primeira porque é a glorificação do dogma religioso, deve ser combatida com todas as forças humanas, como mau e perigoso ao desenvolvimento moral e material do progresso, para bem do futuro da humanidade; porque está profundamente reconhecido que a religião é um meio de manter e conservar o povo na ignorância e no embrutecimento, para consolidação de um regime iníquo, injusto e falso, com o qual se aproveitam as classes dominantes e parasitárias, o que é contra as doutrinas pregadas pelo martir sublime do Calvário.

Jesus Cristo pregou o amor e a igualdade entre os homens e combateu a opulência e a opressão que já naquela época eram o símbolo dos reis e senhores, e portanto, a expressão dos estados, o que lhe valeu ser pregado numa cruz, assim como foi fuzilado Francisco Ferrer, em nome da religião, por ensinar as mesmas doutrinas subversivas!

As suas doutrinas, nas quais se apoia a religião católica, apostólica e romana, são hoje a melhor garantia para a consolidação do estado burguês.

Qual é o homem de coração e de espírito bom formado com a consciência humana sofrer tanto não sintia uma grande vontade de lhe aliviar o sofrimento?

O aumento das franquias postais

Solicitem-nos a publicação da seguinte carta:

*Camarada Redactor.* — Os jornais de ontem, incluindo *A Batalha*, traziam uma nota da "Arcade" na qual se dizia que dentro em breve ia ser publicado o decreto que aumenta as franquias postais em todo o país. Pois apesar de esta nota avisar o público que prepare mais alguns cobres para ir à caixa de correio, não dá para a caixa de correio, desde 10 de corrente, por cada encomenda postal a "modica" quantia de 4500, quando antes se cobrava a "exagerada" quantia de 500.

Quer dizer que antecipando-se a publicação do decreto concedendo o aumento, já alguém dos de cima deu ordens para se cobrar ilegalmente, a meu ver, uma taxa que ainda não foi autorizada por lei. Isto só para as encomendas postais, porque as demais franquias continuam como dantes, pelos mesmos preços.

Já não protesto contra o roubo descarado que o Estado vem novamente fazer ao público, sem que para tal nos apresente um motivo plausível; já me não admiro da desmarcada pouca-vergonha de quem superintende nos serviços postais ordenar aos seus subordinados para cobrar antes da publicação do decreto acima citado taxas ilegais.

— Porca porca porca!

Depois, apenas vestido, achou enfim o que procurava. Era a navalha que lhe tinha caído do bolso e que estava debaixo duma das pernas abertas da

Mas nem Cristo teve nem tem esse poder depois da morte nem o poder divino existe, porque se existisse nunca ninguém teria podido fantasiar-lo e feito acreditar aos outros para satisfação dos seus egoísmos e ambições!

A segunda, porque é a glorificação da riqueza a contrastar com a pobreza!

A festa da família, bem pensada, é, na sociedade capitalista-estadual, um insulto e um desafio lançado pelos ricos aos pobres. Porque, enquanto nas casas dos potentados e detentores da riqueza social se comem as mais variadas iguarias, saboreadas no meio da mais delirante alegria, nas casas dos escravizados e explorados não há muitas vezes pão para os inocentes que vivem fome! Em quantos lares na noite de Natal há lágrimas de dor, de tristeza e de desespero, por não haver, seja devido à falta de trabalho, à prisão, à ausência de pais e irmãos?

Quanto aos desgraçados dessa noite pedem esmola e dormida! No entanto, chama-se a isto, festa da família... Porque os filantropos burgueses, para acudirem a tanta miséria e a tanta infelicidade provocadas pelas suas extorsões, realçam, no dia 25 de dezembro, uma... *Arvore de Natal*, com muitos brinquedos, encarecida e reclamada pela imprensa venal—a alavanca do progresso que, defendendo aberta e desinteressadamente a causa da humanidade sufocadora, clama apaixonadamente: "Mais brinquedos! Dão-nos mais brinquedos para que não possamos proporcionar às crianças um Natal feliz!"

Que ironia! Proporcionar às crianças que tem fome, frio e falta de instrução, um Natal feliz, com brinquedos! Só por escarnecer, festa da família, tanta hipocrisia e cinismo!

Não é que não podemos fazer coisa, de maneira nenhuma, com a imprensa de balcão, na sua campanha natalícia... Antes temos que manifestar a nossa sincera discordância com o Natal e combatê-lo como uma tradição mentirosa que traduz só hipocrisia! Porém, devemos dizer que se discordamos e combatemos também o Natal como festa da família, não é porque não concordemos contudo que a família se deva consagrar um dia de festa, mas simplesmente pela forma como a festa é feita na sociedade capitalista, por não estar dentro da verdadeira realidade. Porque entendemos que a festa da família só poderá ser de facto verdadeira para toda a humanidade quando forem abolidas, uma vez para sempre, todos os privilégios, todas as injustiças e todas as fronteiras que originam a falta de pão e a abundância de lágrimas em muitos lares, a contrastar com a abundância de iguarias e falta de amarguras em tantos outros. Porque desejariamos antes que toda a imensa família humana festejasse redenção pregada por Cristo e que nessa festa fossem cantados com alegria todos os hinos que glorificassem enfim a iniciação de uma nova era de paz, de amor e de felicidade!

Vila do Condé.

M. C. MACHADO.

mente; já sei que este aumento de tarifas, que renderá à Administração Geral dos Correios milhares de contos, desaparecerá como por encanto, sem que os funcionários dos correios e telegrafos vejam sequer um centavo; tal pouco me admira que os nossos governantes voltem brevemente a sugar-nos alguns cobres para se pagarem calotes e desperdícios feitos pelos altos funcionários, que como dantes continuam altamente cotados; — o que me admira é a eterna paciência deste "Ze-pagante", não correndo a pontapés o que o exploram incomedidamente sem dó nem piedade.

Orizque, 22-12-22.

Luis CARVALHAL

Publicações recebidas

*Recreação periódica*, 2 volumes, de Cavaleiro de Oliveira.

*O homem da orelha quebrada*, de Edmond About, edição do *Sealot*.

*Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. 3, n.º 11.

*Rotário da cidade de Lisboa*, por José Sebastião Pacheco.

*Livro de Ouro*, catálogo oficial da secção portuguesa na Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

mulher. Assim que a agarrou, partiu a correr, dando um último grunhido: — Ao outro agora! vamos ajustar contas com ele!

Fernanda, no meio das velhas cores, tinha ficado deslembada, incerta, aniquilada pela violência da sensação, os dois braços contraídos, caídos sobre a cara. Quando se viu só, ao cabo dum instante, levantou-se com custo, atou os cabelos, embrulhou-se o melhor possível nos farrapos do seu penteador. E teve a extraordinária sorte de ir como vêra, sem encontrar ninguém, caindo-se ao longo das edificações, correndo pelas salas desertas.

Uma vez no seu quarto, sentiu-se salva. Mas que fazer do fato rasgado, manchado, imundo, que trazia As pantufas de veludo branco estavam negras de lama, o penteador de la, branca tinha nódoas de azeite e de carvão, a camisa em tiras trazia marcas igno-

## "A BATALHA" na provincia e nos arredores

ALMEIRIM 20 DE DEZEMBRO Uma barbaridade!

Ao que parece, foi há dias encontrado a tirar umas vidas, talvez para a mãe lhe coser umas magras sopas para se alimentar, sendo preso, o menor de 11 anos Manuel Fulgencio, filho de Francisco Fulgencio, morador nesta villa.

Aquella criança encontra-se numa enxovia da cadeia local, à ordem do democrático administrador do concelho, tendo por cama, e por especial deferência, uma esteira, não lhe dando de comer há quatro dias, e certamente até que haja uma alma compadecida que consiga daquela autoridade o perdão para o terrível delinquente.

As vidas eram dos herdeiros do Sr. Serembeque, que foi um dos mais ricos proprietários desta villa.

É bárbaro que por um caso tão insignificante se mantenha na cadeia uma criança.

AVEIRO 22 DE DEZEMBRO O preço dos géneros

Com maior concorrência de vendedores, efectuou-se o mercado cá da terra, abatendo em consequência da abundância o preço da hortaliça. Nos últimos dias tem vendido a 10 centavos cada nabo, a 35 cada ovo, leite a 1 escudo e tudo assim, proporcionalmente.

Quando algum miserável não tem com que pagar o que precisa, começa por querer dizer o que sente, o que a autoridade a impede, dizendo-lhe que quem não tem dinheiro não compra!

Parte isto de principio para que as vendedeiras se não enfadem com o povo e não mais voltem a dar o que possuem a troco dos seus papuchos.

Povo miserável, lavradeiros egoístas, comércio ganancioso, câmara ladrava, como vós todos vos confundis em dias de festarola sem sentirdes o que vos vai na alma!

ALVALADE 22 DE DEZEMBRO Apesar de tudo — a Associação vive!

Há tempos alguns trabalhadores conscientes fundaram a sua associação, o que custou alguns sacrifícios, visto aqui reinar a ignorância e a estupidez por parte dos alogos do povo.

Que fez esta câfila? Levantou calúnias, ameaçando ir à casa onde se encontra instalado o balastrado associativo para espancar, prender e praticar mais bestialidades. Tal facto não se verificou, porém.

O regedor reteve o alvará e os estatutos uns 7 meses. O secretário deste, que é o padre, fez um inquérito contra os trabalhadores e que os proprietários se recusaram a assinar.

Pois apesar deste bando de parasitas e tartufos, que só vive à custa do suor alheio, não perseguir por todas as formas, a associação cada vez mais se foi robustecendo, com a dedicação e boa vontade de alguns camaradas conscientes.

Tem-se feito nela uma intensa propaganda contra a taberna, contra o álcool, contra todos os vícios que arruinam a humanidade, fazendo-se sentir a todos os trabalhadores a necessidade de seguir o puro e são ideal que nos há de levar à conquista do futuro, e para que desde já desapareça a mandriche e a exploração do homem pelo homem.

Coragem e tenacidade é o que é preciso para meter na ordem os nossos inimigos.

ALMADA 23 DE DEZEMBRO Filantropia balfofa

A exemplo dos mais anos, também no dia de Natal o sr. Sequeira, do Alfeite faz distribuir aos orfãos cá do concelho um bôdo, várias roupas e brinquedos.

Estou daqui a ouvir os leitores a dizerem que o sr. Sequeira é um grande benemérito, pois que assim distribui bôdos com tanta facilidade.

Pois é verdade. Mas o que os leitores não sabem é que aquele senhor nada dá da sua bôla.

Quem dispõe de uma massaroca toda são os operários que trabalham nas obras do Alfeite, pois que para isso já dá muito-lhe são descontados nas férias de \$50 a 1500 semanais.

Não quero isto dizer que não seja tudo o sr. Sequeira numa excelente pessoa, e até mesmo ele se abateu com as honras beneméritas da festa.

No entanto, não julgamos que os operários fariam melhor terem dado tal festa no seu sindicato, e sem a intervenção filantropica do sr. Sequeira.

Mas como os operários do Alfeite instantes, depois dirigiu-se à janela para abrir as cortinas, como tinha por hábito. Mas um murmúrio, saído da sombra do leito, deteve-o.

— Então a senhora quer descansar?

Nada de resposta, ainda desta vez. E Felicia, que ardia em desejos de dar à senhora a grande novidade, decidiu-se apesar de tudo.

— A senhora não sabe?

No quarto em trevas, era um profundo silêncio horrível. Não saía do leito vago e perdido, mais que uma ligeira respiração, e vida ardente, de cupulada, enterrada ali, no abafado crepúsculo.

## O rancho dos presos

Diziamos na nossa última correspondência, que breve fariamos sobre o chamado rancho dos presos.

Pois algo vamos dizer sobre tal. O preso tem aí pelas 9 ou 10 horas, uma tigela com café e um pão de 250 ou 300 gramas de peso, que tem de dividir para duas refeições. Mas notem que o café não traz açúcar, tendo o preso que o adquirir à sua custa.

Pelas 15 ou 16 horas dão-lhe uma tigela de caldo, que para se lhe encontrar alguma cascata de feijão ou grão, tem o preso que se deitar a nadar dentro da tigela.

Isto é assumto que conhecemos por experiência própria.

Não faremos mais comentários. Reclamar é com certeza falar no deserto, já mais que estes assuntos não faziam parte do programa eleitoral camarário cá da terra, e por isso os presos que vão comendo o seu rancho, que muitos suínos decerto não aceitariam.

E, por hoje, pedra no assunto.

Uma selvageria

Ontem, pelas 17 horas, envolvia-se em desordem, um soldado conhecido pelo António Ratado com um indivíduo de cor.

Segundo nos informam, o Ratado nada tinha que ver com o pobre negro, mas levado por mau instinto, desatou ao pontapé e a bofetada ao pobre homem, e ainda com a agravante de puxar de uma navalha, que, era para ferir alguém que se solidarizasse com a mesma, ou ainda por só de brago se temer do negro.

Casos destes revoltam todos os que tem uma consciência justa, pois tais actos, além de serem uma requintada maldade, revelam bem os sentimentos tacaños de quem os pratica.

Aprez-nos, elogiar aqui a forma justa e metódica indignada, como se portou o polícia aqui de serviço o sr. João Belrio, que censurou indignado o procedimento do Ratado, que ainda não está livre de prestar contas dos seus actos — C.

Associação de Socorros Mútuos "O Oriente"

Sede — R. do Pó do Negro, 86, 1.º

AVISO

Convoco a assembleia geral ordinária para o dia 28 do corrente pelas 21 horas.

ORDEN DOS TRABALHOS

1.º Eleição dos corpos gerentes para o ano de 1923.

2.º Eleição do delegado que há de ser sorteado para fazer parte como vogal do Tribunal Arbitral de Previdência Social.

Não reunindo por falta de número fica desde já convocada nova reunião para o dia 9 de Janeiro próximo à mesma hora.

Lisboa, 24 de Dezembro de 1922.

O presidente da mesa da Assembleia Geral, João Maria da Couto Brandão.

Associação de S. Mútuos "S. Fernando"

Sede — R. do Pó do Negro, 86, 1.º

AVISO

Convoco a assembleia geral ordinária para o dia 31 do corrente pelas 20 horas.

ORDEN DOS TRABALHOS

1.º Eleição dos corpos gerentes para o ano de 1923.

2.º Eleição do delegado que há de ser sorteado para fazer parte como vogal do Tribunal Arbitral de Previdência Social.

Não reunindo por falta de número fica desde já convocada nova reunião para o dia 9 de Janeiro próximo, à mesma hora.

Lisboa, 24 de Dezembro de 1922.

O presidente da mesa da Assembleia Geral, Agostinho dos Santos.

## Propaganda sindical

Manifatores de calçado de Tavira

TAVIRA, 20.—Com regular assistência, realizou-se na Associação dos Manifatores de Calçado uma sessão de propaganda sindical.

Depois de constituída a mesa, o presidente fez a apresentação de três camaradas vindos de Faro como membros do comité de propaganda federal.

Sendo concedida a palavra a Xavier Pereira, este camarada expôs os motivos que os leva ali, que era para que os manifatores de calçado de Tavira estreitassem os laços de solidariedade para com os seus camaradas, cumprindo assim o dever de dar a sua adesão à Federação e Confederação.

E dada a palavra a Antero Constantino, dizendo qual as vantagens que os trabalhadores tem em ser aderentes aos seus organismos superiores, dizendo ainda que muitos operários, quando se fala no aumento da cota, se recusam, não entanto não se recusam a gastar dois e três escudos em vinho num só dia!

Fala Francisco do Nascimento, dizendo que os sindicatos não foram organizados só com o fim de reclamarem aumento de salário, expõem a forma como os trabalhadores desde há séculos sentiram a necessidade de se organizarem para se defenderem dos seus senhores e fazê-los desaparecer como tais.

Os aumentos de salários não são mais de que pequenas regalias conquistadas aos senhores, pois que estes mal que todos sentimos só desaparecem quando a sociedade for transformada.

Terminou a sessão com vivas à vitória dos manifatores de calçado de Faro, etc.

Garage Conde Barão

Recolha de 180 carros. Abre em 1 de Janeiro

Dias Fonseca Souto Maior, L. da

Dão-se informações: Largo do Conde Barão, 50, ou no escritório R. dos Fanqueiros, 122, 2.º.

TELEPHONE 5430.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal-Acero únicas que não se desfazem e dão boa fiação, dizem 450 isqueiros, rodas e peças e mactas, tubos, moedas, pipos e tambores.

Início de depósito que fornece para revenda.

CARLOS A. SANTOS

Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical 24 de Agosto—Reúnia para eleição dos corpos gerentes de 1923, dando o seguinte resultado:

Direcção: Presidente, António Pedro Duarte; Vice-presidente, João da Costa; Secretários, José Dionísio da Silva Júnior e António dos Santos Veiga Botelho; Tesoureiro, Cândido Alberto Teixeira; Vogais, Alfredo dos Santos e João Diniz.

Assembleia geral: Presidente, Artur Nogueira; Secretários, João da Silva Ouro e Henrique Mendes.

Conselho fiscal: Ernesto Gomes, Armando Fitas Simões e José Pedro da Cruz Ferreira.

Cornetim

Vende-se, em estado novo, Rua de Arroios, 146, 2.º, E.

Patronato da Infância

A direcção do Patronato da Infância, rua das Escolas Gerais, 63, enviou-nos quatro propostas para admissão no semi-internato de igual número de crianças recomendadas por *A Batalha*, o que agradecemos.

bou de fechar docemente a porta recai no leito em desordem, poz-se de fúlgura, voltou a cara para a parede, e de novo não mais se mexeu. Agora um atroz gosto de sangue misturava-se ao odor ferino que a envolvia toda; e entrou uma excitação monstruosa do crime, no seu prazer.

Julgou morrer, de tal maneira a sensação era violenta, aguda, semelhante a um ferro quente a tivesse penetrado, mas mais delicadas rugas secretas de voluptuosidade. Era o triunfo, a felicidade, o espanto, o triunfo, toda a criatura nervosa, retesada num paroxismo de exaltação, que ela nunca tinha conhecido, que jamais conceberia. E assim esteve horas e horas, no fundo das trevas do leito ardente, a cara para a parede, como se não tivesse querido reentrar na sua banal vida quotidiana, para saborear ao infinito o excecível gozo.

Eram perto de nove horas, na manhã do pallido dia de inverno, quando Lucas foi ferido. Como tinha por hábito, ia fazer a sua visita matinal às Escolas, visita que era a sua melhor alegria do dia; e o Ragu, que o esperava, oculto atrás dum massico de verdura, precipitou-se, cravou-lhe a navalha entre as espaldas, quando ele estava no limiar da porta rindo com algumas pequenitas, que haviam corrido ao seu encontro. Lucas deu um grande grito, caiu, e no entanto o assassino fúlgido, ganhava as encostas dos Montes Blesues, onde desapareceu entre as rochas e as silvas.

Sourette estava ocupada na leitaria, e quando a criada de quarto aca-

## Um pouco de tudo para todos!

CALENDÁRIO DE DEZEMBRO

S.	1	8	15	22	29
D.	2	9	16	23	30
T.	3	10	17	24	31
Q.	4	11	18	25	
Q.	5	12	19	26	
Q.	6	13	20	27	
Q.	7	14	21	28	

HOJE O SOL

Aparece às 7,52  
Desaparece às 17,20

FASES DA LUA

L. C. dia 4 às 11,34  
Q. M. dia 11 às 16,41  
Q. C. dia 18 às 12,00  
Q. C. dia 25 às 6,55

MARÉS DE HOJE

Praamar às 6,40 e às 19,02  
Baixamar às 0,00 e às 12,10

CAMBIO

Países Moeda Ao par Omtm

Alémânia Marcos 100 5,75  
Belgica Francos 100 16,41  
Espanha Pécetas 100 16,41  
E. U. A. Dolares 100 20,47  
França Francos 100 16,41  
Holanda Florins 100 16,41  
Inglaterra Libras 100 16,41  
Italia Liras 100 16,41  
Suíça Francos 100 16,41

CARTAZ

S. CARLOS.—Não há espectáculo.  
NACIONAL.—A's 21 — "Leque de Lady Marguerite".

S. LUIS.—A's 21 — "Milagre de aldeia".  
A's 15 — "Concerto Bianchi".

POLITEAMA.—A's 21 — "Mamã Colibri".  
A's 15 — "Concerto Sinfónico".

AVENIDA.—A's 21 — "O amigo".  
PENICHE.—A's 21 — "O amigo".

APOLLO.—A's 21 — "O oiro de Colombiana".  
EDEN THEATRO.—A's 21 — "A revista".

CHIADO TERRASSE.—A's 14 e às 20 — "Amatogro".

SALAO FOZ.—A's 21 — "O arroz doce".  
COLISEU.—A's 21 — "Grande companhia de circo".

TEATRO DOS ANJOS.—A's 21 — "Companhia Infantil".  
GIL VICENTE.—A's 21 — Domingos, e segundas-feiras — "A Inquisição em Portugal".

OLIMPIA.—Amatogro.  
CONDES (Avenida).—Amatogro.  
CENTRAL (Avenida).—Amatogro.

CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges).—Amatogro.  
IDEAL (Loreto).—Amatogro.

ROSSIO (Arco Bandeira).—Amatogro.  
CHATEAU (Avenida).—Amatogro.  
MOTORA (ao Calvário).—Amatogro.

EDEN-CINEMA (Alcântara).—Amatogro.

rem para a formação da índole do indivíduo.

Nunca se vê duas caras exactamente iguais, assim como também não se encontram duas pessoas com caracter inteiramente idêntico. Porém, as pessoas que possuem feições do mesmo feitio, terão igualmente as características que essas feições denotam, embora outra qualquer feição totalmente oposta possa modificar a sua significação.

Quando se lê o caracter numa cara, devem considerar-se primeiro as feições predominantes e comparar-se os seus traços com os outros lineamentos.

É pela ponderação que o indivíduo possui, que se consegue formar um conceito acertado do seu caracter firme e mental.

(Continua)

VÁRIAS

Moedas de chá. — O chá é usado como moeda em muitas cidades chinesas do interior e nos mercados da Ásia Central.

É claro que este produto não passa de mão em mão na sua forma corrente entre nós, mas sim pensado em pastilhas e estampado com certos sinais convencionais.

Essas pastilhas variam de valor consoante a qualidade do chá, aumentando também aquele em harmonia com a distância dos centros produtores.

Calcula-se que a moeda de chá em circulação entre Urga, Mongólia e Kaita, na Sibéria, atinge um valor total representativo de, proximoamente, duzentos contos de réis.</



# Purgacões

Por mais antigas e rebeldes que sejam, curam-se rapidamente, sem uso de injeções, tomando o verdadeiro específico

## Vendem:

Farmácia Estácio — Rossio, 63; União Comercial de Drogas — Rua Augusta, 180; Farmácia Castro — Avenida Almirante Reis, 76; Farmácia Conceição — Calçada de D. Gastão, 23, (Xa-bregas); Farmácia de Pedrouços — Rua de Pedrouços, 114

DEPOSITO GERAL FARMÁCIA CASTRO, SUCESSOR Rua de S. Bento, 199-199, A LISBOA

# SANDANITOL

O seu uso pode ser secreto porque as urinas não mudam de cor nem de cheiro

PREÇO 10\$00

## "Um pouco de tudo para todos"

### HORARIO DA LINHA DE SINTRA

Partidas de Lisboa	Chegadas a Sintra	Partidas de Sintra	Chegadas a Lisboa
0,35	1,39	6,15	7,14
6,10	7,19	7,55	8,33
7,45-a	8,16	8,40	9,11
8,59-a-d	9,30	9,52	9,20
10,10	11,21	9,40	10,10
12,50-b	13,59	12,00	13,02
14,00-c	15,09	13,00	14,02
15,30-d	16,36	15,15	16,10
17,30-a-d	18,00	16,30	18,32
18,00-e	18,40	18,30	19,24
18,15-a	18,51	19,32	20,30
18,58-d	19,53	21,02-b	21,59
19,55	21,02	23,28	0,25
22,47	23,50		

### CARREIRAS DE VAPORES NO TEJO

De Lisboa (C. Sodrê) para Cacilhas, às 6, 6-30, 7-45, 8-30, 9-30, 10-30, 11-30, 12-30, 13-30, 14-30, 15-30, 16-30, 17-30, 18-30, 19-30, 20-30, 21-30, 22-30, 23-30. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-30.

De Cacilhas para Lisboa, às 6-25, 7-15, 8-00, 8-45, 9-30, 10-15, 11-00, 11-45, 12-30, 13-15, 14-00, 14-45, 15-30, 16-15, 17-00, 17-45, 18-30, 19-15, 20-00, 20-45, 21-30, 22-15, 23-00.

De Lisboa (C. Sodrê) para o Seixal, às 8-00, 10-30, 15-40, 18-20.

De Seixal para Lisboa, às 6-30, 9-00, 12-30, 16-30.

De Lisboa (T. Paço) para o Barreiro, 1-00 (b), 6-30 (a), 8-00, 10-30, 11-45, 13-15, 14-00, 14-45, 15-30, 16-15, 17-00, 17-45, 18-30, 19-15, 20-00, 20-45, 21-30, 22-15, 23-00.

Do Barreiro para Lisboa, às 6-30, 8-00, 9-30, 11-00, 12-30, 14-00, 15-30, 16-15, 17-00, 17-45, 18-30, 19-15, 20-00, 20-45, 21-30, 22-15, 23-00.

(a) Não são efectuadas aos domingos e dias feriados. (b) São efectuadas aos domingos, segundas-feiras e dias de feriado municipal e dias seguintes a esses feriados. (c) São efectuadas aos domingos e dias de feriado nacional.

## Calçado

### Sapataria do Calhariz

(em frente da Rua das Chagas)

### Grande liquidação

em todos os calçados existentes

**A 8\$80**

GRANDE lote de sapatos de lona para senhora, cujo actual valor é 15\$50.

**A 27\$00**

SAPATOS de verniz, decolados, cujo valor é 35\$00.

**A 19\$50**

SAPATOS de pelica bronzeada, cujo valor é 36\$00.

**A 17\$50**

UM grande lote de sapatos em verniz preto, com salto Luis XV; outro em calf preto, cujo valor é de 30\$00.

**A 15\$00**

UM grande lote de sapatos para senhora em esplêndido chevron preto, com salto à francesa, cujo valor é de 25\$00.

**A 30\$00**

GRANDE lote de botas em superior calf preto, cujo valor é 38\$00.

**A 42\$00**

GRANDE lote de botas, fôrma da moda, em finíssimo calf preto, cujo valor é de 55\$00.

**A 25\$00**

SAPATOS para homem em superior calf preto, cujo valor é 35\$00.

### SANDALIAS

GRANDE SORTIMENTO com grandes diferenças de preços.

### PARA FUTEBOL

Vendemos todos estes calçados — 30 a 40% mais barato —

Grande sortimento em calçados casuais, chinelos de quarto, muletas, calçados das mais recentes novidades para homens, senhoras e crianças, que tudo se vende com grandes diferenças de preços.

### Sapataria do Calhariz

Largo do Calhariz, 33

(em frente da Rua das Chagas)

### Tabacaria A NACIONAL

DE

### MARQUES & MARQUES

Tabacos nacionais e estrangeiros, jornais, figurinos, postais, ilustrados, livros, artigos de papeleria, selos, papel selado, artigos para fumadores

### LOTERIAS

Agua, cerveja e refrescos

38, Rua da Mouraria, 38-A

LISBOA

## Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes  
cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inaladores;

2.º É usado pelas senhoras mais fiéis porque perfuma o hálito e evita a ocaria dentária e por todas as pessoas que tem de suportar óculos defeituosos porque as defende de contágios perigosos;

3.º São usadas pelas pessoas doentes, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicas, porque limpam o pigarro abrem-lhes o apetite e permitem-lhes sonar repousados e seguros;

4.º Limpando o pigarro, combatem a rouquidão, aliviam a voz e fortalecem as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público;

5.º Atenuam e apagam a nebulosa da mucilina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o cancro e o catarro gastrico;

6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surdidade cerebral. Usadas por todos os que precisam muito;

7.º Usadas pelas que viajam ou frequentam casas doentes, porque o fumo saneia o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, tais como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, difteria, angina, etc.

**O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR**

Há conveniência em engulir o fumo

**PREÇO DAS CIGARRILHAS**

Fórmula corrente: 1\$00 esc. — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 1\$40 esc.

Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$50 esc.

Depósito dos preparados com selo VITERI:

**Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª**

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

## Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

**GRANDE NOVIDADE**

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

**ESTABELECIMENTOS**

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marques de Alegrete, 56, 58

**Fábrica de bonets**

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

## Companhia Nacional de Navegação

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Serviço regular entre a Metrópole e Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saídas a 1 de cada mês para todos os portos da Africa Oriental (provincia de Moçambique) escalando Funchal, S. Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes e Cape Town

Saídas a 20 de cada mês para todos os portos da Africa Ocidental

Serviço regular para Anvers, Hamburgo e Rotterdam onde os nossos navios recebem carga para Lisboa e Porto, e a frete directo para os portos das duas Costas de Africa

A carga de importação e exportação, em navios portugueses, gozam dum benefício pautal

**FROTA DA COMPANHIA**

MOÇAMBIQUE 6536 tonel. | MOSSAMEDES 4977 tonel. | MANICA 1116 tonel.

AFRICA 5515 " | PORTUGAL 3998 " | IBO 835 "

PEDRO GOMES 5417 " | PENINSULAR 2744 " | BOLAMA 985 "

BEIRA 4976 " | LUABO 1435 " | AMBRIZ 858 "

CHINDE 1070 "

Vapores só para carga: EXTREMADURA 3771 tonel.

DONDO 3978 "

Rebocadores no Tejo: TEJO, CABINDA, CONGO

Navios fretados aos Transportes Marítimos e ao serviço da Companhia:

LOUR. MARQUES 6355 tonel. | CONGO 3077 tonel. | COIMBRA 2516 tonel.

S. TIAGO 3763 " | PENICHE 3566 " | GAIA 1758 "

FIGUEIRA 2668 "

Todos os vapores desta companhia tem frigorífico, luz eléctrica, excelentes acomodações e todo os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos srs. passageiros viagens rápidas e cómodas

ESCRITÓRIOS DA COMPANHIA: LISBOA, Rua do Comércio, 85

PORTO, Rua da Nova Alfândega, 34

ANVERS, Biffe & Cie., Quai van Dyck, 10

HAMBURGO, Biffe & Birgfeld, St. Pauli Landungsbrücken Brücke, 4

ROTTERDAM, H. van Krieken, P. O. B. 662

AGENTES:

TELEFONES: — Administração, C. 1527 — Chefe do expediente, C. 1000 — Informações, C. 608 — Tesouraria e passagens, C. 2665 — Commissariado e serviços médicos, C. 3202 — Engenheiros (Cais da Fundação), C. 3252

Cais da Fundação, C. 2087 — Depósitos e armazéns, C. 1012

## "REUMATINA"

CURA O

REUMATISMO

SIFILITICO, GOTOSO, ARTICULAR, ARTRITICO, BLENORRAGICO e MUSCULAR

É um preparado inofensivo, sem salicilatos nem sais mercuriais, que não exige dieta e que actua dentro de 24 horas nas formas agudas. Como lenitivo é dos mais eficazes em neuralgias, cefaleias, pontadas, dores de estômago, rins, ossos, etc.

Preço: Esc. 8\$00

Envia-se a quem o requisitar

Drogas e produtos químicos, fornecidos aos melhores preços, para esta praça e provincia

Depósito geral:

**A. Costa Coelho**

RUA DO BOMJARDIM, 440-PORTO

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora

## Quereis

o vosso relógio

tado com garantia e por

preço módico?

Levae-o ao

**33 de S.º André**

actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33

(em frente do calhariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO

E OUVRES

DE

ALVES D'ANDRADE, L.ª

Nicolau Gomes Correia